

DISCURSO ASTROLÓGICO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO HORÓSCOPO DA REVISTA *CLAUDIA*

Ana Júlia Tavares Staudt (UNEB)
anajuliastaudt@gmail.com

RESUMO

A partir do horóscopo da revista mensal *Claudia*, depreendeu-se a análise dos aspectos relacionados à constituição de sentido, considerando-se a construção discursiva para um público adulto feminino. Para tanto, foram selecionados três exemplares da referida revista, a saber, de dezembro de 2014, janeiro e fevereiro de 2015. Esse artigo está fundamentado na análise do discurso francesa, que tem como principal representante Michel Pêcheux. Efetuou-se um cruzamento entre os temas apontados no horóscopo com o objetivo de perceber possíveis regularidades. Na revista *Claudia* as regularidades encontradas tratam, a saber, de entretenimento-lazer, amor, finanças e trabalho-carreira. A partir dessas regularidades, marcam-se as características da fase adulta. Identifica-se também, a partir da análise, o sujeito enunciador em plena identificação com a forma-sujeito na formação discursiva afetada pelo discurso do bom sujeito plenamente identificado com a ideologia da sociedade de consumo, na qual *Claudia* está inserida. Através do *corpus*, depreendeu-se as condições de produção constituída dos sujeitos e situação e as formações imaginárias que decorrem, como a forma-sujeito se desloca na posição sujeito, ora como astrólogo ora como conselheiro ora, ainda, como cúmplice, por meio do discurso autoritário. Analisa-se o contexto estrito e amplo – o suporte do objeto, a referida revista, identificada com as formas da sociedade atravessada pela sociedade de consumo e bem viver. Assim, o horóscopo no entremeio do discurso jornalístico e publicitário firma as ideias da representação feminina da beleza, do divertimento, do amor, ao mesmo tempo em que se verifica uma continuidade sócio-histórica e ideológica da mulher adulta de *Claudia*.

Palavras-chave: Condições de produção. Horóscopo. Revista *Claudia*.

1. Introdução

Este trabalho é fruto de pesquisa da dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Estudos e Linguagens do Departamento de Ciências Humanas, Campus I, da UNEB. No presente texto, tem-se por objetivo apresentar uma reflexão acerca do Horóscopo que se baseia no conhecimento praticado há milênios acerca da Astrologia, divulgado na revista mensal *Claudia*, dezembro de 2014 da Editora Abril Cultural, direcionada a jovens adolescentes. Buscou-se depreender a análise dos aspectos relacionados à compreensão de sentido e a materialidade presente na previsão astral. Considerou-se a construção de sentido para um público feminino adulto, observando as estratégias de cons-

trução discursiva e os efeitos de sentidos que desejam produzir. Para tanto, faz-se um breve estudo dos elementos que constituem um mapa astral, a trindade astrológica: signos, planetas e casas. O conhecimento astrológico se mantém- até os dias de hoje, principalmente, divulgado em revistas, jornais, almanaques *sites* etc. Tem-se como objetivo um gesto de interpretação no horóscopo divulgado na revista *Capricho*. Este estudo está fundamentado na análise do discurso francesa, que tem como representantes: Michel Pêcheux (2009), Eni Puccinelli Orlandi (2005), (2006) e demais estudiosos da análise de discurso. A partir do *corpus*, busca-se interpretar as condições de produção, formações discursivas, formações ideológicas, formações imaginárias. Para iniciar, traça-se um breve histórico da análise do discurso, em seguida, situa-se o papel das revistas no *mass media*, discorre-se acerca da Astrologia e a composição da carta astral – fotografia do céu no momento do nascimento, e, por fim, apresenta-se em um gesto de interpretação do *corpus* em questão, o horóscopo da *Capricho*.

A questão que se procura responder na opacidade do texto desenvolve-se em torno das condições de produção que se dão na formulação dos dois eixos: o da memória (constituição) – interdiscurso - e o da atualidade- formulação, intradiscurso, aquilo que se está dizendo naquele momento em condições dadas, dizeres já ditos, mas esquecidos na memória. Que relação de forças e em que lugar e posição este sujeito é constituído do que ele diz, ou melhor, que determina o que pode e deve ser dito por ele. É a partir do intradiscurso que o histórico e o ideológico e a memória discursiva já se revelam no gesto de interpretação.

2. A análise do discurso

O artefato teórico da análise de discurso não é mais hermético quanto nas fases anteriores, mesmo a produção discursiva apresentando uma relação de forças na discursividade. O interdiscurso é considerado assim como a sua heterogeneidade somada à instabilidade do discurso, este conceito encontra espaço na última fase da análise de discurso, denominada AD-3. (PÊCHEUX, 1983, p. 311-318)

O discurso é maior que o texto, este se revela através da palavra em movimento, e é através da língua que o homem se manifesta. O objeto da análise do discurso é o discurso - efeitos de sentidos - e a língua é a condição de possibilidade para o discurso.

As condições de produção são essenciais para compreender o sujeito e a situação. No contexto imediato, sentido estrito, tem-se as circunstâncias de enunciação, resultando no intradiscurso cujos sujeitos assinam. O contexto amplo trata da memória, o contexto sócio-histórico, ideológico: quem fala antes em algum lugar. Como se pode observar no quadro que segue

CONTEXTO IMEDIATO	CONTEXTO AMPLO
▪ As páginas do horóscopo da revista <i>Claudia</i>, lugar do acontecimento das previsões zodiacais; ▪ As figuras mitológicas que representam cada signo e não outras figuras; ▪ As leitoras que leem o horóscopo na revista <i>Claudia</i> e não em outra; ▪ O momento em que o horóscopo ganha visibilidade no sumário da revista <i>Claudia</i>, na seção “Sempre em <i>Claudia</i>”; ▪ O fato de o horóscopo ser divulgado em uma revista para mulheres adultas e não em outro suporte; ▪ O astrólogo.	▪ A imprensa; ▪ A sociedade pós-moderna e as novas formas de interações; ▪ A Editora Abril, responsável pela publicação e divulgação da revista <i>Claudia</i>; ▪ A revista <i>Claudia</i>.

Dessa forma, tem-se no horóscopo da revista *Claudia* o contexto imediato representado pela própria revista e mais especificamente, a página do horóscopo e os sujeitos que a assinam. No contexto amplo revela-se através dos sentidos postos na sociedade em que se vive, ou seja, as instituições, mídia escrita que determinam as posições de autoridade/autoritarismo e obediência/opressão. Tudo isto interpelado pelo contexto sócio-histórico, ideológico.

Segundo Jean-Jacques Courtine (1984) citado por Eni Puccinelli Orlandi (2005, p. 32), o interdiscurso encontra-se no eixo vertical da constituição, representando todos os dizeres já-ditos, entretanto esquecidos na memória, esta é que permite o dizer daquele momento e das condições possíveis inseridas no eixo horizontal da formulação, denominado intradiscurso. Assim, é na relação estabelecida entre o interdiscurso (constituição do sentido) e o intradiscurso (formulação) que se tiram os sentidos. Portanto percebe-se uma relação entre o já dito e o que se está dizendo, além da memória que se insere no interdiscurso a qual se denomina memória discursiva, tornando possível todo dizer.

Retomando o dito acerca das condições de produção e/ou condições de significação, estas condições, segundo Eni Puccinelli Orlandi (2005), se representam através dos sujeitos e da situação, também o mo-

do como a memória instala-se imprime às condições de produção. Acrescenta-se ainda para melhor elucidar:

[...] condições de significação: o contexto histórico-social enquanto capaz de refletir o movimento entre o linguístico e o discursivo; a relação do implícito e do explícito; a relação de forças; a relação de sentidos; a antecipação; a relação do texto com os textos possíveis naquele contexto; a relação de dominância de um sentido sobre os outros possíveis. Se observarmos bem o que foi enumerado, percebemos que constitui o que se chama condições de produção de um discurso. Assim podemos dizer que as condições de significação são a especificação, para cada texto, de suas condições de produção. (ORLANDI, 2006, p. 173-174)

No contexto imediato, nas condições de produção, tem-se as circunstâncias de enunciação e, no contexto amplo, incluímos o contexto sócio-histórico, ideológico, ou seja, o enfoque se faz nas formas elaboradas pela sociedade e os efeitos de sentidos que aí decorrem. As condições de produção são constituídas pelas formações Imaginárias, que apresentam mecanismos de funcionamento do discurso e que são as relações de sentido, de antecipação e de relações de força.

Nas relações de sentido, um discurso aponta para outro, pois “[...] todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo amplo, contínuo” (ORLANDI, 2005, p. 39) que resultam nas formações imaginárias. Nas antecipações, Eni Puccinelli Orlandi (2005, p. 40) esclarece:

E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante. Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições.

O mecanismo de antecipação regula a argumentação, pois o sujeito dirá de uma maneira ou de outra, podendo prever o seu interlocutor como cúmplice até o outro extremo ao prevê-lo como um adversário. (ORLANDI, 2005)

Nas relações de forças, encontra-se o lugar de onde o sujeito se constitui, a imagem que se tem do astrólogo, pois trata-se do horóscopo e o lugar de onde ele fala, o conhecimento que se supõe ele ter para falar acerca daquele assunto – a autoridade para tal. Vive-se em uma sociedade hierarquizada, que distribui posições de mando e obediência, e desses diferentes lugares se faz valer a interação entre as pessoas e, consequentemente, as relações de força. Dessa forma não são os lugares que eles ocupam na sociedade que funcionam no discurso, mas as projeções que se possam fazer. Dizendo assim, é importante estabelecer a distinção entre lugar e posição do sujeito, aquele é a posição empírica, este é a posi-

ção discursiva e insere-se ao discurso. Assim não é a visão empírica do astrólogo, mas a sua posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. Ainda, segundo Eni Puccinelli Orlandi (2005), há regras de projeção que permitem ao sujeito passar de uma situação empírica para uma posição discursiva, a significação do discurso constitui-se nessas posições, e esta significação encontra-se em relação ao contexto sócio-histórico e à memória.

3. *As condições de produção da revista Claudia*

A revista *Claudia* pertence à Editora Abril e foi fundada em 1961 com o nome que Victor Civita (fundador da Editora) e sua esposa Sylvana Civita queriam dar à filha que nunca tiveram:

Todas as vezes que falou sobre *Claudia*, Victor Civita fez questão de lembrar que ela era a sua filha de papel que ele e sua esposa Sylvana resolveram ter no lugar daquela de carne e osso da qual desistiram após terem migrado para o Brasil e se empenhado na construção da Editora Abril. A revista ficou com o nome escolhido para a filha que não nasceu e assim foi gerada. (MIRA, 2001, p. 43)

Assim exposto, fica implícito que a revista *Claudia* sempre foi tratada como “filha”, com muito esmero e atenção apurada, deixando para outras revistas segmentos da estética e da sexualidade. *Claudia* segue o politicamente correto, como quase todos os pais desejam para o futuro de suas filhas: segurança num casamento, cuidado com os filhos, decoração da casa, saber fazer receitas para agradar o marido, dentre outros. E assim o foi até a década de 1960, quando já se mostrava um descontentamento das donas de casa em assuntos prosaicos. Segundo Dulcília Schroeder Buitoni (2006), ao conceituar a representação da mulher em cada década, observa-se que a de 1960 é denominada de a dona de casa insatisfeita, apontando indícios da mulher que não queria mais cuidar apenas da família e do lar, queria mais, ver lá fora e participar de outras questões que não só aquelas. Assim, chega à redação de *Claudia*, por volta de 1963, a jornalista Carmem Silva, que assina artigos fundamentados na psicologia, passando a ser conhecida e reconhecida como uma pensadora acerca das revistas de comunicação de massa nas questões femininas, conforme Dulcília Schroeder Buitoni (2006, p. 106):

A revista *Claudia* foi criando, ao longo de sua existência, condições de produção, principalmente nas áreas ligadas aos aspectos visuais, fotografia e artes gráficas, contribuindo com o aparecimento da profissionalização e legitimação do chamado jornalismo de serviço, aspecto importante nas revistas até hoje, motivo que vem mantendo a referida revista há mais de 50 anos no mercado. *Claudia* teve que se adaptar às mudanças, seu carro-chefe não é mais o

universo doméstico, embora não o tenha abandonado, o enfoque atual volta-se para matérias sobre carreira, cultura, finanças e espiritualidade. O público agora é heterogêneo, abrangendo todas as faixas etárias e as classes sociais A, B e C, e o horóscopo também segue a mesma linha, tratando dessa nova mulher moderna, que agora se preocupa, principalmente, com a profissão-trabalho, saúde-estética, lazer e amor.

4. A trindade astrológica

A astrologia figura entre os primeiros registros do aprendizado humano e tem sua origem na Suméria, Babilônia, em torno do ano 4.000 a.C. Tabuinhas com símbolos astrológicos encontradas na biblioteca de Assurbanípal, em Nínive, revelam que os conhecimentos astrológicos eram aplicados a várias áreas da vida.

A trindade astrológica é formada pelos signos, planetas e casas e são estes elementos que constituem a carta astral, a fotografia do céu no momento do nascimento. Assim o estudo do mapa astral se constitui na percepção de que as relações simbólicas entre os corpos celestes são extremamente significativas e podem ser vistos como traçado do destino, aquilo que tem que ser feito, viver a experiência em diferentes níveis, conforme o entendimento daquele ser humano do qual se faz a interpretação astrológica. Tem-se, então os doze signos (Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes); os planetas Marte, Vênus, Mercúrio, Júpiter, Saturno, Urano, Plutão, Lua e o Sol e as doze casas de experiência que indicam os espaços terrestres considerados como o campo de ação dos signos e dos planetas. A grosso modo, entende-se desta maneira: as casas I representa o Eu, a II, realizações concretas, a III, a mente concreta, a IV, a família, a V, criatividade, a VI, a saúde, a VII, o Outro, o parceiro com quem nos associamos, a VIII, a transmutação, a IX, a mente abstrata, a X, a missão pública e social, a XI, a vida social, e a XII, o autossacrifício. Acrescenta-se, ainda os aspectos, calculados a partir das efemérides (tábuas elaboradas por astrônomos), a conjunção 0 grau, o sextil 60 graus, a quadratura 90 graus, o trígono 120 graus e a oposição 180 graus.

O mapa se constitui de um círculo dividido em 12 partes, medindo cada uma destas partes 30 graus, totalizando 360 graus, são as casas zodiacais. Na parte interior tem-se o símbolo de cada signo e os planetas distribuídos com seus aspectos de acordo com as efemérides, do dia do nascimento e/ ou acontecimento que será interpretado. A partir destes dados, o astrólogo poderá iniciar a leitura do mapa astral. Assim, tem-se o cenário do evento em questão para que se possa interpretá-lo.

A astrologia se popularizou muito especialmente na sua forma dos astros do zodíaco. As pessoas de classes sociais diferentes, independente do nível de escolaridade, procuram manter-se informadas sobre os signos do zodíaco, seja lendo em revistas, jornais, almanaques, *blog*, *sites*, rádio. Inclusive há muitas revistas mensais que se dedicam exclusivamente a divulgar informações sobre os signos do zodíaco. Outras, voltadas para o público feminino, mantêm uma seção exclusiva para tratar do tema. Dentre estas se destaca a revista *Claudia*.

5. *Um gesto de interpretação*

No texto do horóscopo, propriamente dito, nas condições de produção dadas, tem-se os sujeitos, de um lado o enunciador (astrólogo) e de outro as leitoras da revista - mulheres adultas em sua maioria -, que autorizam o dizer, a ação do sujeito a falar sobre tal assunto; o sujeito é quem tem autoridade para falar, pois sabe, conhece o assunto.

O sujeito desloca-se do lugar para a posição e vice-versa ora como astrólogo ora como conselheiro. Deve-se considerar como o espaço social onde tudo significa as construções, o estilo, o tom, este espaço é ocupado pelo falante e pelo ouvinte. Os sentidos que se constituíram ao longo da história da palavra “horóscopo” e seus efeitos nas pessoas, entre a repetição e a diferença, exercem no leitor uma memória discursiva que remete ao interdiscurso. Estes sentidos podem derivar para outras situações. Mas, o simples fato de aparecer na *Claudia* uma seção, denominada horóscopo, elencando a data de nascimento para que o leitor identifique o seu signo (e quem não sabe o seu?), já trazem à memória, já falam em nós. Como esta revista é valorada no mecanismo da indústria cultural, existe a persuasão, as opiniões sempre previsíveis àquela camada social e ainda subjacente a ideologia da mulher que quer participar em casa e fora de casa

A partir das condições de produção constituídas pela situação e pelo o sujeito percebe-se a partir do discurso do astrólogo apresentado no horóscopo um texto “híbrido”, pois irregular, produzido em condições determinadas e que de alguma maneira se fazem presente, necessitando serem decodificados. O sujeito pensa que diz, mas não diz, apresentando toda a opacidade já no intradiscurso.

Além disto, observa-se o lugar e a posição que o sujeito ocupa nas pretensas previsões e, entende-se que não são os lugares que eles ocupam na sociedade que funcionam no discurso, mas as projeções que se pos-

sam fazer. Dizendo assim, julgou-se importante estabelecer a distinção entre lugar e posição do sujeito, aquele é a posição empírica, este é a posição discursiva e insere-se ao discurso. Assim não é a visão empírica do astrólogo, mas a sua posição discursiva produzida pelas formações imaginárias.

Hoje, os meios de comunicação constituem o *locus* principal em que é atualizado o labor sobre as representações sociais, pois conquistaram um *status* institucional que lhes autoriza a interpretar e produzir sentidos sobre o social com o consenso da sociedade.

As revistas femininas direcionadas ao público feminino constituem um meio de comunicação de massa. A indústria publicitária não mede esforços para vender este produto. Ao mesmo tempo em que estas revistas relacionam o feminino ao espaço do público e se dirige a uma mulher moderna, esta revista - objeto de análise do presente texto - continua condicionada a ideias e valores tradicionais no que diz respeito à sexualidade e à representação de gênero, apesar da aparência descompromissada com o público. Além dessa revista influenciar as relações sociais, as mesmas inserem noções equivocadas de feminilidades, gerando contradições; os meios de comunicação, muitas vezes, trabalham com uma visão do mundo que pode ou não corresponder à realidade.

O certo é que há um já dito que torna possível este dizer, esta afirmação é importante para que possamos perceber o funcionamento do discurso e a conexão do sujeito com a ideologia. O horóscopo em questão nos remete a uma filiação de dizeres a partir do momento que se folheia a revista e depara-se com a palavra horóscopo e mais abaixo os signos elencados. Também há toda uma ideologia acerca deste conhecimento que se leva a crer que este tema não é tomado a sério, os estudiosos deste tema, ao longo do tempo, procuram inseri-lo em estudos mais aprofundados e sérios mesmo não sendo reconhecido como um conhecimento científico. Além disso, só o fato de o título e os signos com a indicação da data de nascimento já remetem a memória, em síntese afirma (INDURSKY, 2011, p. 75): o imaginário destes dizeres é um imaginário fundante, trata-se da memória discursiva que ao longo do tempo vem repetindo-se infinitamente e que a referida autora denomina regime de repetibilidade, “ou seja, pelo viés do regime de repetição tornou-se memorável”, os horóscopos divulgados em jornais, revistas, blogs e vários outros suportes servem para imprimir *lugares de memórias* que sucessivamente repetidos cristalizam-se como afirma a autora sustentando dessa forma, as redes de memória que sustentam o memorável”. Desta forma,

nada há de novo, tudo repete-se a exaustão, resultante do esquecimento, estruturante, no artefato de leitura da análise de discurso.

6. Conclusão

No presente texto, procurou-se mostrar uma reflexão acerca do horóscopo que se baseia no conhecimento milenar do estudo da Astrologia, divulgado na revista mensal *Claudia*, da Editora Abril Cultural direcionada ao público feminino. Buscou-se depreender a análise dos aspectos relacionados à compreensão de sentido e a materialidade presente. Considerou-se a constituição dos sentidos para um público feminino, observando as estratégias de construção discursiva e o efeito de sentido que desejam produzir.

Nas páginas do horóscopo estão presentes as formas da sociedade de massa resultantes da formação de consciência coletiva dessa sociedade, porque seus produtos não mais são artísticos nem representam um tipo de classe (superior ou inferior, dominantes e dominados), mas são exclusivamente dependentes do mercado. Dessa forma, a vida privada se finda mergulhando o sujeito na homogeneidade de pensamento, dominada pelo gosto imposto a uma multidão de consumidores que trazem consigo, sempre, no pensamento, no vocabulário, no comportamento, resquícios de lógica comercial, operosidade e avidez de lucro.

A partir das condições de produção constituídas pela situação e pelo o sujeito percebe-se a partir do discurso do astrólogo apresentado no horóscopo um texto “híbrido”, pois irregular, produzidos em condições determinadas e que de alguma maneira se fazem presente, necessitando serem decodificados. O sujeito pensa que diz, contudo não diz, apresentando toda a opacidade pertinente ao discurso

Além disto, observa-se o lugar e a posição que o sujeito ocupa nas pretensas previsões e, entende-se que não são os lugares que eles ocupam na sociedade que funcionam no discurso, mas as projeções que se possam fazer. Dizendo assim, julgou-se importante estabelecer a distinção entre lugar e posição do sujeito, aquele é a posição empírica, este é a posição discursiva e insere-se ao discurso. Assim não é a visão empírica do astrólogo, mas a sua posição discursiva produzida pelas formações imaginárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

BITTNER, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a interpretação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. Définition d'orientations théoriques et méthodologiques en analyse de discours. *Philosophiques*, vol. 9, n. 2, Paris, 1984.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: ____; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revista: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001

RIBEIRO, Ana Maria da Costa. *Conhecimento da astrologia*. Rio de Janeiro: Hipocampo, 1986.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed, 4 imp. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.